

LULA: A ESPERANÇA ESTÁ VOLTANDO



Arte de Nathalie Nascimento sobre foto de Ueslei Marcelino

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 17 de Janeiro de 2022 Nº 41

O PT salvou o Brasil ao promover fortes investimentos

Com Guedes e Bolsonaro inflação supera os 10%

Lucélia Santos lança peça sobre Chico Mendes

Alberto Fernández revê privatizações na Argentina

EXPOSIÇÃO VIRTUAL
CENTENÁRIO
Paulo Freire

A EXPOSIÇÃO ESTÁ NO AR

ACESSE EM: fpabramo.org.br

25 anos
FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
de Documentação e
História Política

PAUTA
BRASIL

**ASSISTA AO
PROGRAMA
PAUTA BRASIL**

SEGUNDAS, QUARTAS
E SEXTAS-FEIRAS
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO E
TRANSMISSÃO: FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

TRANSMISSÃO: PT DCM Fórum TV 247

SIGA O CANAL DA REVISTA

YouTube

focus
BRASIL

Revista Focus Brasil
191 inscritos

INSCREVA-SE

NO YOUTUBE

focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

LULA COLOCA TRABALHO NA PAUTA DO PAÍS

Twitter do ex-presidente defendendo a reforma trabalhista promovida pelo governo espanhol movimenta o cenário político e desperta esperança de dias melhores para o povo.

Página 12

Ricardo Stuckert



EDITORIAL. Viveremos uma campanha eleitoral apaixonante em 2022

Página 4

ENTREVISTA. Crítica do governo, Lucélia Santos defende a agenda verde

Página 6

ESPANHA. Porque a reforma trabalhista pode inspirar mudanças no Brasil

Página 16

CONGRESSO. Fernando Morais diz que Lula precisará de bancada no Congresso

Página 17

PANDEMIA. Líder do PT, Reginaldo Lopes quer CPI para apurar apagão do SUS

Página 20

PESQUISA. Primeiras sondagens mostram Lula como líder incontestado

Página 22

INFLAÇÃO. Alta da carestia é confirmada pelo IBGE em 2021: 10,2%. E vai ter mais

Página 24

DESCASO. Governo veta renegociação de dívidas para microempresários

Página 26

PESSIMISMO. Pesquisa mostra maioria do povo apavorada com economia

Página 24

ORÇAMENTO. Projeto que altera teto dos gastos não vai impedir recessão em 22

Página 24

ECONOMIA. PT mudou composição da dívida e reduziu vulnerabilidade

Página 28

ESTADO. Argentina revê privatizações e reforça nacionalismo

Página 31

HISTÓRIA. Fatos que marcaram as lutas sociais no Brasil e no mundo

Página 32

HOMENAGEM. Poeta Thiago de Mello deixa imenso legado

Página 34



2022: O ANO DA ESPERANÇA DO POVO BRASILEIRO

Começamos o ano com um cenário de estagnação econômica, inflação de dois dígitos e, principalmente, desemprego, pobreza e fome generalizada. Mas, ao mesmo tempo, um cenário político extremamente promissor para o povo brasileiro, no que diz respeito às eleições presidenciais de outubro. Todas as pesquisas apontam para uma vitória do ex-presidente Lula, sendo que, em alguns casos, até mesmo em primeiro turno.

Ao que tudo indica, viveremos uma eleição polarizada entre dois presidentes. De um lado, Lula. O líder de um projeto de país com foco no desenvolvimento sustentável, na distribuição de renda, estabilidade econômica, projeção internacional do país, defesa intransigente da democracia, dos direitos humanos, da ciência e do meio ambiente. E Bolsonaro, o representante da extrema direita negacionista, autoritária, antidemocrática, misógina, obscurantista, predadora do meio ambiente, racista, terraplanista e rejeitada pelo mundo civilizado. A chamada "terceira via", ainda refém da agenda neoliberal, aparece cada vez mais inviabilizada, em uma disputa entre ex-bolsonaristas tardios e quem se omitiu em 2018.

Para além do extraordinário legado dos governos do PT, Lula terá a possibilidade de apresentar ao povo um projeto consistente e inovador, capaz de retomar o crescimento, com geração de emprego e distribuição de renda, retirando o Brasil do atoleiro neoliberal criado por Temer e Bolsonaro.

No momento oportuno, será apresentado um programa de governo que dialogue com a superação da ortodoxia fiscal e que coloque o Estado como grande agente indutor do desenvolvimento, como o mundo está assis-

LULA VAI VOLTAR A GOVERNAR O BRASIL EM 2023. A CAMPANHA EXIGIRÁ MUITA LUTA. E A ESPERANÇA, QUE ANTES DERROTOU O MEDO, IRÁ DERROTAR O ÓDIO

tindo no plano Biden e na "Nova Geração" da União Europeia. Mas, principalmente, que tenha como foco principal a superação da fome, da miséria, da pobreza, da desigualdade, pela geração de emprego e de renda, especialmente para os mais pobres, e a preservação do meio ambiente, com profundo compromisso com o combate às emissões dos gases do efeito estufa.

Para isso, é imperativo revogar o fracassado e desmoralizado teto de gastos e avançarmos em um novo arcabouço fiscal, que permita uma consolidação fiscal de médio prazo, acompanhada pelo retomada do crescimento econômico e assegurando recursos para as emergências sociais e o investimento público, capaz de alavancar os investimentos privados e impulsionar o processo de reconstrução nacional. Paralelamente, a implantação de uma reforma tributária justa, solidária e sustentável, com medidas que assegurem a progressividade fiscal, como a taxação de lucros e dividendos e a redução dos impostos indiretos.

Outra iniciativa fundamental de Lula para a campanha já aconteceu. Ele pautou o tema da precarização do mundo do trabalho, anunciando compromisso com uma reforma trabalhista que restitua direitos arrancados dos trabalhadores com a contra-reforma do governo golpista em 2017. Uma reforma capaz de recuperar mecanismos de acesso à Justiça do Trabalho, de restituir direitos sonogados e de permitir a reconstrução dos sindicatos dos trabalhadores.

É, por isso, que temos avançado na troca de experiências com ações exitosas de governos progressistas no mundo. O exemplo mais recente foi o seminário que fizemos com representantes do governo espanhol a fim de aprofundar o resultado exitoso dos nove meses de negociação tripartite entre o governo e as entidades sindicais (CCOO e UGT) e empresarias (CEOE e CEPYME) daquele país. A Espanha chegou a um acordo ambicioso para alterar a trajetória do sistema de regulação laboral e de relações de trabalho na Espanha.

É esse prestígio internacional, associado ao acúmulo de conhecimento e experiência adquiridos em 13 anos de governo do PT, que asseguram o nosso compromisso histórico com a democracia e com os mais humildes. E reforçam ainda mais nossa convicção de que 2022 entrará para a história como o ano da esperança.

Liderados por Lula, viveremos uma campanha que mistura a polarização e a paixão militante das eleições de 1989 e o poderoso sentimento da mudança, como foi a eleição de 2002. Esta gigantesca vitória exigirá muito luta e firmeza, mas resultará no resgate de um Brasil solidário, generoso e acolhedor com todos e com todas. Lula vai voltar a governar o Brasil e a esperança, que antes derrotou o medo, irá derrotar o ódio! •



“ENFRENTAMOS A SUPERVALORIZAÇÃO DA MEDIOCRIDADE”

Com 50 anos de carreira e muitas realizações, a atriz relata seu inconformismo com o cenário político brasileiro, teme que o pior do bolsonarismo surja na campanha de 2022 e fala da sua nova peça – “Vozes da Floresta” – sobre Chico Mendes. “No fascismo, a primeira coisa que eles combatem é a arte, a criação e a cultura”

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

A atriz brasileira mais conhecida no mundo inteiro está querendo mudanças. Lucélia Santos se prepara para outros vãos. O rosto mais conhecido da teledramaturgia nacional, por conta da novela “Escrava Isaura”, o produto de teledramaturgia mais exibido na história da linguagem, pensa em disputar uma cadeira no Congresso. Ela está preocupada com o presente – a terra arrasada pelo governo Bolsonaro –, e vislumbra tempos duros e muitos desafios.

Ao longo dos anos, Lucélia acompanhou comitivas presidenciais a outros países e acumulou fãs notáveis, como Fidel Castro e Nelson Rodrigues. No ano em que

completa 50 anos de carreira, a atriz parece dividida entre celebrar seu trabalho como artista e concorrer a uma vaga no parlamento.

Ela tem uma série de trabalhos e comemorações engatilhados para 2022, além da peça “Vozes da Floresta”, na qual conta a história do seringueiro e ativista Chico Mendes, com quem esteve em plena Amazônia em 1988 e gravou uma entrevista. A voz de Chico Mendes, captada há 34 anos, faz parte da peça.

Em paralelo, a realidade brasileira choca e provoca indignação na atriz que, no momento, sente o dever de se candidatar a um cargo eletivo. Militante política há mais de 40 anos do PT, ela está preocupada com o futuro do país. A seguir, trechos da entrevista concedida à **Focus Brasil**:

– **Você é uma militante que vem desde a fundação do PT, em paralelo à carreira de sucesso. Sempre batalhou contra a censura e o obscurantismo. Na internet, circula um vídeo sobre o filme *Je vous salue, Marie*, em que você vai em frente à Polícia Federal questionar a prisão de Roberto Amaral. Como você vê o período de obscurantismo que estamos vivendo e quais são as perspectivas para o futuro?**

– É um momento duríssimo que estamos vivendo política, cultural e existencialmente. Em 2019, quando cheguei a Portugal para temporada longa gravando novela para a televisão portuguesa, na primeira semana, concedi uma entrevista em um canal aberto. E disse, para o choque de todos, que o Brasil estava vivendo o seu pior momento desde a ditadura

militar. Foi um choque. Eu falei que a gente estava “debaixo das botas” dos militares outra vez e que o que estava acontecendo aqui era inimaginável para todos que temos certa cultura de militância, luta e direitos humanos. Disse que Brasil estava muito mal e que entraríamos num período de terror. A entrevista teve repercussão muito grande e pessoas ficaram putas comigo – “Ah, você vai para o exterior falar mal do Brasil”. Eu estava falando a verdade. A eleição desse sujeito é uma carta fora do baralho, é uma desgraça grande para o país. É um recuo. É uma coisa inexplicável que ele tenha conseguido se empoderar. Isso é contra todos os princípios democráticos. Ele era muito claro nas suas posições e sobre o que viria a fazer. Ou seja, não enganou ninguém. Está fazendo tudo o que combinou. Nesse sentido, está sendo honesto. Então, eu sustento o que disse lá em 2019: estamos vivendo o pior momento da história do Brasil em termos de democracia, direitos e liberdade desde a ditadura. Agora, temos o agravante das redes sociais que fazem com que as coisas fiquem muito expostas. A ferida fica aberta, né? O Brasil é uma ferida aberta. É isso o que eu acho. Está muito difícil a situação.

– Ao longo de sua carreira, você experimentou períodos muito diferentes para a criação artística no Brasil. A partir do final dos anos 90 até 2016, estava em curso uma ascensão cada vez maior da criatividade e das formas de representação. A partir de 2015 e, principalmente, depois do Golpe de 2016, a gente viu surgir com força esse olhar conservador, tentando censurar a arte. Qual é a sua avaliação sobre esse retrocesso?

– É uma questão política e está diretamente relacionada à ascensão do Bolsonaro e desse governo fascista. No fascismo, sempre,

a primeira coisa que eles combatem é a arte, a criação e a cultura. Isso porque pessoas esclarecidas, letradas, lúcidas e criativas não servem a projetos de dominação das massas. Sempre foi assim na história da humanidade. Basta ver Hitler, Mussolini... todos os fascistas agiram sempre da mesma maneira. A primeira coisa que fazem é cancelar a arte e a cultura. Estamos passando por um processo muito difícil no Brasil. Soma-se a isso a pandemia, os teatros fechados... Os ambientes em que os

OS FASCISTAS ODEIAM A CULTURA E EU QUERO LEMBRAR QUE ISSO COMEÇOU COM O [PRESIDENTE MICHEL] TEMER E A PRIMEIRA CANETADA DELE

artistas atuam são locais que acumulam pessoas, então tudo ficou mais complicado para os artistas. E isso não é por causa da pandemia somente. Os fascistas odeiam a cultura e eu quero lembrar que isso começou com o [presidente Michel] Temer. A primeira canetada dele ao assumir a Presidência da República, lembro como se fosse hoje, o primeiro ato político foi exterminar o Ministério da Cultura. Na primeira canetada, o Temer mandou uma mão de merda para a classe artística. E aí foi uma sucessão de agressões e re-

trocessos no setor. Retiraram da Fundação Palmares retratos de pessoas de esquerda, da Funarte, fizeram a Ancine virar uma bagunça, os projetos foram paralisados. Paralisaram a Lei Rouanet. Demonizaram o setor cultural como se nós fôssemos usurpadores e desonestos. Fizeram isso porque somos fortes. No momento em que os artistas se colocam em marcha, a nossa voz repercute porque a gente tem uma ligação muito forte com a população graças ao nosso trabalho. E é por isso que os artistas são sempre tão condenados e combatidos. Para nós, este momento é particularmente duro e difícil. Além da censura, ainda há a perseguição.

– Os retrocessos se espalham por todos os setores.

– É inimaginável. Mas é o que está acontecendo desde que esse sujeito assumiu: um desmonte. Desde a classe científica, que atinge a Anvisa – e precisamos agora imensamente dos cientistas funcionando bem porque dependemos muito deles nesse momento de pandemia – até indústria, agrário, agroecologia, agrofloresta, Funai, meio ambiente... Todo esse desmonte já tem uma consequência imediata para o Brasil. Nunca nossas florestas foram tão destruídas como agora. Para mim, essa é a maior preocupação. Porque o que se destrói em termos de florestas amazônicas e de outros biomas, como cerrado, pantanal e etc, é possível que nunca mais se consiga repor. Hoje, a floresta amazônica produz mais gás carbônico com as queimadas do que é capaz de absorver. Isso é um ponto de desequilíbrio que se a gente não mexer e não mudar imediatamente, com todos os esforços nacionais e internacionais, corremos o risco de perder o maior bioma do planeta. É a maior tragédia de todas. É algo que não se pode recuperar. O que [o ex-

-ministro] Ricardo Salles fez são erros crassos e de tamanha gravidade para o bem comum que isso é a minha maior preocupação para o país. Com a destruição dos biomas vem a destruição dos rios, a contaminação dos rios pelo mercúrio do garimpo descontrolado e ilegal. Tudo isso dentro da floresta. É desgraça demais para pouco país. É madeireiro, grileiro de terra, mercúrio nas águas, é toda a ganância do capital expressa de uma forma contundente contra a Amazônia.

Quando falo da Amazônia, eu me refiro não só à fauna e à flora, mas também às pessoas que vivem lá. Elas são muito fortes, mas estão levando porrada em cima de porrada. Hoje, no Brasil, os povos que mais sofrem e apanham são os indígenas e os quilombolas, que vivem nesses biomas sagrados. Eles são os cuidadores. Não fossem esses guardiões, já não existiria mais nada. Eu milito nisso há mais de 34 anos. Estava nessa frente de batalha lá atrás, com o Chico Mendes. E continuei na mesma frente. Nunca houve tamanho retrocesso na história do Brasil. Nunca houve tanta destruição, queimada, desmatamento e tanta perseguição aos povos da floresta, desde a ditadura militar. Nos anos 70, eles invadiam as casas dos seringueiros, queimavam, estupravam as mulheres. E, hoje, dentro das reservas extrativistas, onde estive recentemente, voltaram a queimar casas de seringueiros e de lideranças indígenas. São ameaçados e assassinados. Para mim, esse é o maior nó a ser desatado pelo próximo presidente da República. Eu queria muito ter mais acesso a essa agenda do Lula, que apoio incondicionalmente. Gostaria de participar de projetos onde fossem apresentados caminhos aos presidentáveis, para que fossem assumidos compromissos com essa agenda verde.

– **Nesse momento, você está trabalhando com uma peça teatral que aborda exatamente o tema ambiental e a luta pela terra: “Vozes da Floresta”. Conte um pouco sobre esse trabalho.**

– Fiz duas únicas apresentações em Xapuri (AC), por ser uma data do 33º ano do assassinato do Chico Mendes. Todos os anos, de 15 a 22 de dezembro, acontece a Semana Chico Mendes em Xapuri, onde ele viveu e os sindicatos foram criados e todo aquele Vale do Acre. Todo o trabalho dele está

NUNCA HOUVE TAMANHO RETROCESSO NA HISTÓRIA DO BRASIL. NUNCA HOUE TANTA DESTRUIÇÃO, QUEIMADA E DESMATAMENTO

muito ligado àquela região. Foi ali que estive com ele, entramos pelas matas. Foi lá dentro da floresta que comecei a minha militância. Então, fiz questão de ir, até de uma maneira bastante crua, sem financiamento, sem recursos. Fui na raça, inclusive, sem muitos ensaios. E consegui fazer o melhor que pude. Foram duas apresentações. Fui porque para mim tinha um cunho de emoção muito forte pela comemoração da data e, somado a isso, o fato de estar em pleno pulmão do governo Bolsonaro.

Pretendo levar essa peça para o Brasil inteiro. Devemos começar por São Paulo, em abril, em uma das unidades do SESC. Depois, devo fazer interior de São Paulo e começar a viajar o Brasil construindo uma agenda para a peça.

Em “Vozes da Floresta”, conto a história na voz do próprio Chico [Mendes] porque quando eu estive lá, em 1988, gravei uma longa entrevista na qual Chico conta a história do movimento dos seringueiros e a fundação dos sindicatos, tudo o que ele estava sofrendo, a forma como saiu do Brasil, a aproximação e o respeito que ganhou nos EUA, o prêmio internacional... Isso tudo é o que conduz a narrativa da minha peça. Do ponto de vista de dramaturgia, de teatro, é construída pelas falas de três mulheres: a Valdiza Alencar, a primeira seringueira da história do Acre e quem fundou o sindicato. Outra é a dona Cecília Mendes, tia do Chico [Mendes] e que acompanhou toda a trajetória dele até a morte. E a terceira sou eu mesma, como um testemunho de 1988, quando cheguei e peguei o movimento no auge do conflito.

– **Qual a importância de trabalhos como esse para a preservação da memória de quem luta contra as injustiças.**

– Essa memória é o que a gente tenta resgatar. É a minha ação ao fazer uma peça como essa. Em “Vozes da Floresta”, falo de vários companheiros que perderam a vida, inclusive antes do Chico, como Valdir Pinheiro e outros. Evidentemente, isso vai suscitar esse debate que você coloca. Esse inventário de assassinatos, se você for fazer agora, das mortes no campo e na floresta desde que o Bolsonaro assumiu... isso tem que ser inventariado, tem que ser denunciado. Inclusive, em nível internacional, porque é um genocídio, tem que ser tratado dessa forma. Muitas pessoas no Brasil

estão tentando emplacar essa discussão com relação a direitos humanos e acho que trata-se de algo muito importante de ser feito. Eu apoio 100%.

Mas o grande problema do Brasil é a questão cultural. Ela é anterior à própria cultura. Só vamos ter mudanças de fato se conseguirmos perceber o que realmente está acontecendo na sociedade brasileira, na sua base. E essa é a minha grande preocupação, inclusive para a eleição de 2022. O Gandhi dizia que quando você faz um corte vertical, longitudinal num determinado governo – por exemplo, se pegar o governo Bolsonaro e fizer esse corte, você vai encontrar lá embaixo na base da pirâmide social a cara governante. Você vai encontrar o governante. Gandhi diz que a democracia é perfeita sob esse aspecto. Ou seja, por mais que as pessoas hoje xinguem e cuspem no Bolsonaro, ele representa o anseio e a expressão da sociedade brasileira tal qual ela é hoje, agora. Quem o elegeu, quem o colocou lá é o que nós temos para hoje. Eu acho aterroizante. É pensar que muito próximo a você tem um negacionista, alguém capaz de falar contra a vacina e contra a vacinação de crianças, alguém capaz de defender as ideias do “mito” achando que ele é o máximo. Perceber isso faz com que a gente se sinta violentado.

Confesso que até o 1º turno da eleição de 2018 eu subestimei o Bolsonaro. Ele não tinha qualquer qualificação para se eleger presidente da República. Eu acho que ele não tem qualificação nem para se eleger síndico do condomínio onde vive, quanto mais para ser presidente. E não é que a sociedade saiu da tumba, saiu das covas, porque são todos uns vampiros e foram lá... Vi isso aqui onde eu moro, na Barra, na minha zona eleitoral. Aqueles velhos que não votavam a “trocentos” anos indo votar em

Bolsonaro. Todo aquele pessoal com camiseta do Brasil, bandeira, “bonézinho” de Miami, quer dizer, tinha uma produção pronta. Só eu não sabia que a sociedade estava nesse lugar. Eu não percebi. Falha minha. Mas falha, de alguma maneira, de toda a esquerda brasileira. Então, essa análise tem que ser feita imediatamente porque de alguma forma a gente tem que assumir uma corresponsabilidade de tudo o que acontece para que possa mudar as peças de lugar. Quan-

GANDHI DIZIA QUE QUANDO VOCÊ FAZ UM CORTE VERTICAL NO GOVERNO VOCÊ VAI ENCONTRAR NA BASE SOCIAL A CARA DO GOVERNANTE. E ISSO É ASSUSTADOR

to a mim diretamente, o que me preocupa é essa classe média brasileira que é de difícil diálogo, para ser bem suave. Eu não sei se por um nível de ignorância muito elevado ou pelo que, mas se a gente não furar essa bolha, teremos problemas mesmo se o Lula for eleito. Hoje, a maior parte da sociedade brasileira não dá nem para levar um papo.

As pessoas se desqualificaram demais, perderam demais em consciência, crítica, em capacidade de análise. Dentro da univer-

sidade ou nas escolas pessoas, perderam raciocínio dedutivo, matemática, letras, perderam a formação. As redes sociais colaboraram muito nessa direção porque têm como conceito estar sempre no raso. Rede social é raso. O conceito de navegação é estar na superfície, quem navega o faz sobre. Não há imersão em nada. As pessoas estão dominadas pela falta de análise crítica. É com isso que vamos ter que lidar. A questão é como sair daí para uma sociedade que desperte consciência. E me refiro aqui desde os trabalhadores que estão sofrendo barbaramente – uma das coisas que o Lula mais vai ter que enfrentar é a questão do desemprego, altamente dramática e que tira das pessoas o que restou de autoestima. A sociedade está doente e eu não vejo muito como lidar com isso. Essa é a minha preocupação.

– **É a valorização da mediocridade.**

– É. A total valorização. É a supervalorização da mediocridade. Só que nesse momento eles estão no poder. E nós temos que conseguir conduzir nosso trabalho dentro das redes sociais. Eu vi uma análise do Felipe Neto, que é um expert em redes sociais, tem milhões de seguidores, e faz uma análise incrível. Ele diz que para falar a verdade em redes sociais é preciso utilizar muitas ideias, muitos conceitos visuais, enquanto que para falar uma mentira, com qualquer slogan curto e pequeno você já consegue atingir. Por isso que as fake news vingaram tanto nas redes sociais. Dentro desse sistema de navegação, a gente teria que conseguir valorizar a verdade. Eu acho que esse é um dos desafios da campanha de 2022.

– **Você não acha que pelo fato de a Lava Jato ter sido desmascarada, assim como a perseguição ao Lula e com a**

volta dele ao cenário político, isso esteja trazendo aos progressistas e a muitas outras pessoas a sensação do início de um novo ciclo virtuoso para o Brasil?

– Não. E eu vou te dizer o porquê. Primeiro, porque isso pode ser uma bolha nossa. Acho que isso precisa ser analisado. Segundo, acho que o Lula tem habilidades excepcionais próprias de um gênio – o Lula é gênio! Mas se nós tivéssemos de fato esse ciclo virtuoso não existiria [Sergio] Moro falando esse tanque de merda e com espaço para falar. Não teria Bolsonaro ainda com 20% de apoio. Entende? A minha preocupação é lidar com essa parcela da sociedade. Com essa parcela de negacionistas, de ignorantes, de fake news... O sistema lava jato foi desbancado, mas está aí o Moro se lançando candidato à Presidência da República. Esse cara tinha que estar na cadeia. Se a própria Justiça tornou claríssima a inocência do Lula, Moro está mais do que condenável. Tudo o que ele fez foi para tirar o Lula da eleição de 2018. Ele pariu o Bolsonaro e está aí falando abertamente. E tem quem o ouça, tem quem o receba e quem o aplauda. Eu acho que a gente tem muito trabalho pela frente, muito mais do que a gente imagina. Não está para nós, não. A gente tem que lutar. A nossa luta é contra a mediocridade, é contra a mediocridade que se instaurou. Quando você tem figuras como o Moro com espaço, ou o Ricardo Salles, temos que fazer é ampliar o nosso. O Lula está conseguindo, mas é porque ele é um gênio. Mas nós temos que, como conjunto de pessoas que pensa a sociedade, que quer mudança, ter mais união, organização e menos rejeição interna. Eu sinto muito esse problema na esquerda. Muito ego e muita disputa interna. A gente perde muita energia combatendo quem a gente tem alguma afinidade, enquanto tínhamos que estar todos

juntos para combater o inimigo porque ele é grande ainda.

– Quando começar a campanha vai ser um período de muita luta. É isso o que você está dizendo?

– Muita luta. A gente vai poder esperar o pior deles. Quem acha que já teve o pior com o que fizeram em 2018, aquele apelo da mamadeira de piroca, aquele nível de fake news com que eles trabalharam, 2022 poderá ser ainda pior. Ou eles vão querer perder a eleição? Veja a maneira como o

A MINHA PREOCUPAÇÃO É LIDAR COM ESSA PARCELA DA SOCIEDADE. COM ESSA PARCELA DE NEGACIONISTAS, DE IGNORANTES, DE FAKE NEWS

Bolsonaro está usando a máquina pública para fazer caixa e para se proteger. Eles não são honestos e também não são amadores. Eles vêm do crime organizado, de baixo, da milícia. São violentos. Então, a gente vai ter muito trabalho. E vamos precisar trabalhar em outro nível, no nível da inteligência. Não vamos entrar na disputa de fake news. Vamos precisar inventar muita coisa, criativamente, para as campanhas.

– Você pretende ser candidata ao

parlamento?

– Não tenho pretensões. Eu acho... se fosse em inglês, não sei se seria "I would like" ou "I should like", entende? Tenho uma voz que alcança e, por isso, deveria correr o risco e me lançar nessa aventura. Não é uma coisa confortável. Este ano, faço 50 anos de carreira e tenho muitos projetos de exposição fotográfica, lançamento de um fotobook no Brasil e na China, comemorações alavancadas pelo "Vozes da Floresta". Portanto, o mais confortável para mim seria ficar aqui no meu mundo, trabalhando. Mas acho que deveria me arriscar por causa do Brasil. A situação é muito delicada e estaria sendo até um pouco egoísta se quisesse me livrar de uma posição coletiva nesse momento institucional. Sempre militei desde muito cedo e acho que tenho essa maturidade para concorrer. Porém, não estou tomando uma decisão ainda porque quero ouvir as pessoas. Vou fazer uma série de reuniões nos próximos dias. Se for me candidatar, vou querer fazer uma campanha criativa, capaz de penetrar via redes sociais e atingir a juventude nesse sentido de mudança de atitude, de comportamento e de discussão sobre onde está a sociedade, para onde ela vai e quais são as transformações necessárias. Gostaria de atingir essa turma da Greta Thunberg. Esse pessoal está aí gritando e a gente tem que gritar ao lado deles porque a questão do clima global é inevitável. Esse é um discurso que precisa ser incorporado pelo Brasil e é a partir dele que precisamos nos mover, colocando a Amazônia no centro da discussão. O Brasil não começa em Brasília nem em São Paulo. O Brasil começa na Amazônia. Se o novo governante entender isso, teremos saídas e soluções. Se não entender, os próximos anos podem ser muito complicados. •



A ESPERANÇA DE VOLTA

Lula coloca na pauta a legislação trabalhista e desafia senso comum ao articular um debate que precisa ser enfrentado. Sem recuperar o mercado de trabalho, o país não sairá do quadro de retrocesso social e econômico

Isaías Dalle

Com uma mensagem pelo Twitter, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, líder nas pesquisas de intenção de voto, colocou na pauta do mundo político um tema que provavelmente permaneceria ignorado por mais tempo, não fosse a sua intervenção. Em 4 de janeiro, Lula destacou uma medida anunciada pelo governo espanhol, que pretende substituir a legislação trabalhista conservadora, em vigor desde 2012.

“É importante que os brasileiros acompanhem de perto o que está acontecendo na Reforma Trabalhista na Espanha, onde o presidente Pedro Sánchez está trabalhando para recuperar direitos dos trabalhadores”. Bastaram essas 29 palavras para produzir diferentes reações, vindas de diversos setores, desde apoios entusiasmados a ataques irados. O debate está posto.

A mensagem, que acena indiretamente para a possibilidade de aqui no Brasil ocorrer uma revisão da reforma trabalhista aprovada a toque de caixa pelo governo Temer, em 2017, acabou por abrir a temporada de discussões em torno de rupturas. Muitas precisam ser discutidas

desde já, com maior ou menor intensidade. Ainda mais a partir de um novo governo em 2023.

A reforma trabalhista serve de amostra do que virá ao longo da campanha eleitoral de 2022. A esperança, na figura de Lula, está de volta, sem dúvida. Mas como combinar a promessa com a apresentação de propostas concretas que vão contrastar com o senso comum? Ainda mais no país em que os chamados formadores de opinião insistem na moderação como valor abstrato

e tratam a polarização como produto de vontades pessoais e não como resultado de fatos históricos que antecedem gerações.

O episódio em torno da chamada reforma trabalhista é simbólico. Afinal, não apenas os dados econômicos e sociais comprovam o erro e as injustiças das medidas, que impulsionaram o vale-tudo no mercado de trabalho. A maioria da população experimenta na própria pele os resultados negativos: quem ainda tem emprego, está ganhando menos e perdeu algum direito, enquanto os demais apelam para os conhecidos “bicos” ou, simplesmente, não têm atividade remunerada alguma. O país hoje tem uma massa de 14 milhões de desempregados e pelo menos 40 milhões vivendo na informalidade.

Alguns números comprovam que a reforma de Temer e do empresariado que patrocinou o Golpe de 2016 que depôs a presidenta Dilma Rousseff não são ruins apenas para a classe trabalhadora. São dados que envergonham o país. Os dados foram apresentados pelas centrais sindicais, em artigo que respondia a Michel Temer, conselheiro informal de Bolsonaro.

Segundo as centrais, “durante os governos de Michel Temer e de Jair Bolsonaro, as taxas de

**DESDE O GOLPE DE
2016, AS TAXAS
DE DESEMPREGO
BATERAM
RECORDES
COM TEMER E
BOLSONARO. PAÍS
TEM 61,3 MILHÕES
DE DESAMPARADOS**



DEBATE Na sede da Fundação Perseu Abramo, Lula, Mercadante, e dirigentes das centrais sindicais brasileiras discutem os impactos positivos da mudança na legislação espanhola com dirigentes do PSOE e sindicalistas

desemprego bateram recordes, atingindo 12,7% em 2017, 12,2% em 2018, 11,9% em 2019, 13,5% em 2020 e 12,6% em 2021, segundo o IBGE. Em 2014, o último do primeiro governo Dilma, o índice foi de 4,8%.

No período, o número de trabalhadores sem emprego formal – informais, desempregados e desalentados –, aqueles que estão desamparados pelo artigo 7º da Constituição Federal, saltou de 52,3 milhões de pessoas para 61,3 milhões de brasileiros". Mesmo diante de realidade tão altissonante, houve quem atacasse as intenções de Lula como "terraplanismo fiscal".

Na esteira da polêmica, Lula e apoiadores seguiram na costura política para fazer avançar o tema. Em encontro na sede da Fundação Perseu Abramo, na terça-feira, 11 de janeiro, o ex-presidente se reuniu com representantes das centrais sindicais brasileiras e espanholas, representantes do governo espanhol e de dirigentes da FPA, para aprofundar as discussões a partir da apresentação das medidas anunciadas no país ibérico.

Para Clemente Ganz Lúcio, que assessora as centrais brasi-

leiras, o projeto espanhol é uma boa referência. "A combinação da valorização dos sindicatos e da negociação coletiva por setores econômicos, prevalecendo sobre negociação por empresa ou individual, é importante, porque reverte uma tendência das reformas neoliberais", aponta. Ex-diretor técnico do Dieese, Lúcio destaca ainda a proposta de

MESMO DIANTE DA DURA REALIDADE E DO AGRAVAMENTO DA CRISE, HOUVE QUEM ATACASSE AS INTENÇÕES DE LULA, TACHANDO DE "TERRAPLANISMO FISCAL"

restringir a adoção de contratos de trabalho de curta duração.

Outro participante do encontro, Artur Henrique, diretor da FPA e ex-presidente da CUT, vê na proposta de uma política oficial e permanente de valorização do salário-mínimo um dos pontos mais importantes. E destaca medida para a questão previdenciária: a Espanha propõe que empresas que registrem maiores índices de rotatividade e, portanto, de demissões, paguem alíquotas diferenciadas para a Previdência.

As mudanças pretendidas na Espanha preveem também a garantia de direitos trabalhistas a entregadores e motoristas que trabalham para aplicativos, incluindo representação sindical. Em linhas gerais, propõem ainda respeito a acordos e convenções coletivas até que novos sejam celebrados, programas permanentes de qualificação de jovens, alíquotas diferenciadas de imposto de renda para diminuir a desigualdade salarial entre gêneros e fortalecimento dos mecanismos de Estado para fiscalização das condições de trabalho em todo o país



Ricardo Stuckert

DIÁLOGO Em novembro, Lula esteve com o presidente da Espanha, Pedro Sánchez, quando trataram de combate à desigualdade e pandemia

O próprio processo de elaboração dessas medidas na Espanha é elogiado. Por nove meses, representantes dos governos, dos trabalhadores e do empresariado debateram as propostas. O tema foi articulado também junto à União Europeia. Esse diálogo tripartite, absolutamente abandonado e demonizado no Brasil desde Temer, deu origem ao projeto atual, que segue agora para análise do parlamento. A coalizão que dá suporte ao presidente Pedro Sánchez, que é do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), precisa de aproximadamente 20 votos fora de suas fileiras para aprovar a reforma.

Os representantes do governo estão otimistas quanto à aprovação. Uma das razões para a confiança é a dinâmica com que as propostas foram construídas: apoiadas pelos trabalhadores e pelo empresariado, chegam ao parlamento com respaldo. Antes da votação, que deve ocorrer em fevereiro, o movimento sindical espanhol realizará assembleias para divulgar as mudanças e obter apoio. Todo esse percurso resultou em debate nos meios de comunicação, o que populariza o tema.

Algo semelhante ao que ocor-

reu em alguns momentos nos governos de Lula. Artur Henrique, então presidente da CUT quando foi aprovada a lei de valorização permanente do salário-mínimo, lembra que a votação foi precedida por cinco grandes marchas anuais do movimento sindical a Brasília. “Aquilo gerou um debate que deu sustentação política à medida, que durante anos foi apontada como inviável. Diziam que não haveria dinheiro para sustentar aumentos acima

**ARTUR HENRIQUE
LEMBRA QUE
LULA CONSTRUIU
COM SINDICATOS
E ENTIDADES
EMPRESARIAIS
A LEI DE
VALORIZAÇÃO DO
SALÁRIO MÍNIMO**

da inflação, que quebraria as empresas, que geraria alta descontrolada de preços. E a realidade provou o contrário”, lembra.

Nesse episódio envolvendo a legislação trabalhista, encontram-se algumas pistas para a disputa política que transcorrerá ao longo deste ano. Nas redes sociais, um caminho para transpor o cerco midiático. No apelo a exemplos internacionais, uma forma de mostrar à opinião pública que temas-tabu para a mídia e seus analistas são tratados com sucesso de maneira diferente em outros países. E, no diálogo social, o retorno de um estilo de fazer política que deu resultados positivos entre 2003 e 2010.

Para completar, será preciso, entre outros elementos que certamente serão lembrados ao longo do trajeto, um Congresso Nacional diferente. Como lembra o jornalista Fernando Morais, celebrado biógrafo: “É preciso eleger Lula, mas apenas isso o deixará de mãos atadas se, simultaneamente, os eleitores não levarem para a Câmara Federal e para o Senado uma maioria de candidatos nacionalistas, comprometidos com a propriedade social das riquezas e com a volta dos direitos dos trabalhadores”. •

PACTO DA ESPANHA É INSPIRADOR

Governo social-democrata pactua acordo social trabalhista para construir novas bases para as relações laborais

Clemente Ganz Lúcio

A Espanha inspirou o neoliberalismo de Temer e Bolsonaro com suas mais de 50 alterações na regulação laboral, sendo as de 1994 e do triênio 2011/2012 as mais extensas. Tais medidas flexibilizaram ainda mais os contratos laborais, estimularam o trabalho temporário e de curta duração, facilitaram demissões, deram prevalência aos acordos por empresa, inclusive para reduzir salários, direitos e condições de trabalho, atacaram os sindicatos e fragilizaram as negociações.

As novas regras da legislação trabalhista espanhola reduziram o custo do trabalho com a promessa de crescimento econômico e emprego. No Brasil, fez-se o mesmo em 2017 com a autorização da terceirização sem limites e a ampla reforma trabalhista.

Os resultados observados lá e aqui? Desemprego alto, geração de ocupações precárias, temporárias, inseguras e de curta duração. Além disso, houve arrocho salarial, redução da massa de rendimentos do trabalho, com fragilidade do poder de consumo das famílias, fraca demanda, desigualdade e anemia da economia.

Mas mudaram os ventos! Depois de nove meses de negociação tripartite entre o governo espanhol e as entidades sindicais (CCOO e UGT) e empresarias (CEOE e CEPYME), chegou-se a um acordo ambicioso. O acordo muda a trajetória do sistema de



regulação laboral e de relações de trabalho. Aprovado pelo Conselho de ministros na forma de decreto-lei real (algo semelhante a uma medida provisória brasileira), o projeto entrou em vigor e será apreciado pelo Congresso.

Destaque-se que esse acordo vem na continuidade de outras importantes medidas tomadas em 2021, como o novo aumento do salário mínimo, que passou para 935 Euros (cerca de R\$ 6 mil). Ainda houve a equiparação de direitos trabalhistas para os ocupados em home office/teletrabalho, prevê-se políticas de formação, inserção profissional e para geração de emprego, bem como novas regras de inspeção do trabalho, com prioridade para combater a precarização do trabalho entre os jovens, de igualdade salarial entre homens e mulheres, entre outras importantes medidas. Há um processo de mudanças em curso.

O novo acordo espanhol dá continuidade às mudanças e recoloca centralidade no diálogo tripartite para a formulação das políticas relacionadas ao mundo do trabalho, fortalecendo a negociação coletiva, valorizando os sindicatos. A medida dá prevalência os contratos coletivos setoriais sobre os acordos por empresa, ampliando sua eficácia para todos os trabalhadores e terceirizados.

Ainda estabelece como padrão os contratos de trabalho com prazo indeterminado, limitando o uso do contrato temporário, de prazo determinado e de curto prazo. No bojo das pro-

postas, políticas de proteção dos empregos, inclusive diante de crises, de combate à rotatividade e informalidade. Ainda há espaço para formação profissional como direito e parte do contrato de trabalho. O esforço é para inibir demissões, inclusive no setor público, entre outras medidas.

Importante destacar que as perspectivas das mudanças trabalhistas já estão expressas no Plano de Recuperação, Transformação e Resiliência da Espanha (PRTR), apresentado pelo governo à União Europeia, aprovado em junho de 2021, o que ajudou a impulsionar o acordo. Há críticas oriundas da direita – reforma marxista! –, dos empresários – foi muito! – e da esquerda – foi pouco!. Todos com seus motivos, razões e interesses.

Contudo, o que se apresenta é o resultado da complexa correlação de forças expressa nas mobilizações, nas negociações e deliberações para pactuar o acordo. Um novo passo nessa história, sempre incompleto, de desenho do novo sistema de relações de trabalho que constituirá a dinâmica econômica, política e social futura para transformar em novas bases o que quatro décadas de mudanças predominantemente regressivas promoveu e responder às profundas transformações que estão ocorrendo no mundo do trabalho. A tensa e desafiadora tarefa de imaginar o futuro e de construí-lo no presente. Fonte de inspiração para imaginar e criar o nosso caminho de futuro aqui no Brasil. •

Sociólogo, é coordenador do Fórum das Centrais Sindicais e ex-diretor técnico do DIEESE.

NÃO BASTA A ELEIÇÃO DE LULA

O jornalista e escritor Fernando Morais diz que o país precisa de um Congresso comprometido com os destinos da Nação

Fernando Morais

O estimulante anúncio de Lula de que, eleito presidente, anulará a reforma trabalhista, a exemplo do que ocorreu na Espanha, soou para a maioria dos trabalhadores brasileiros como uma luz no fim do túnel cavado pelos golpistas que derrubaram Dilma e elegeram Bolsonaro presidente.

A perspectiva de recuperar direitos trabalhistas tungados pela reforma e remontar a máquina social e econômica desmantelada pela dupla Temer-Bolsonaro desperta nos brasileiros a consistente esperança de que é possível, sim, reconstruir o país.

Mas sabe Lula e sabemos todos nós que isso não se dará num passe de mágica, um dia após a mudança de governo. Lembro-me de um episódio de iniciativa do então senador paranaense Roberto Requião (MDB-PR).

Quando o Congresso aprovou a proposta do senador tucano José Serra (PSDB-SP), autorizando a Petrobrás a vender até 70% de suas jazidas (incluindo aí o tesouro do Pré-Sal, que Lula pretendia destinar ao financiamento de uma revolução na Educação, pensando no futuro), Requião enviou um ofício aos embaixadores de todos os países com representação no Brasil com uma grave advertência: "Qualquer Estado estrangeiro que adquirir bens da Petrobrás será indiciado, em um governo brasileiro democrático, pelo cri-

Felipe L. Gonçalves/Brasil247



REVERTER O DESMONTE É preciso eleger Lula, mas apenas isso o deixará de mãos atadas se Câmara e o Senado não tiverem maioria de nacionalistas

me de receptação de bens roubados da Nação".

A corajosa ameaça de Requião, no entanto, não se concretizaria com um mero decreto de expropriação das empresas e bens estatais que Bolsonaro e Paulo Guedes vêm mascateando pelo mundo privado na bacia das almas.

Para recuperar pacificamente para os brasileiros o que vem sendo esbulhado por Bolsonaro, o próximo governo – governo Lula, a julgar por todas as pesquisas realizadas até agora – dependerá da composição do Congresso Nacional que será eleito nas eleições de outubro deste ano.

E é exatamente por isso que tenho rebatido o bordão que repito desde que Lula anunciou que disputará as próximas elei-

ções. Para reaver os direitos trabalhistas e recuperar o que foi tungado do povo será, sim, essencial eleger Lula. Mas só isso não será suficiente.

É preciso eleger Lula, mas apenas isso o deixará de mãos atadas se, simultaneamente, os eleitores não levarem para a Câmara Federal e para o Senado uma maioria de candidatos nacionalistas, comprometidos com a propriedade social das riquezas e com a volta dos direitos dos trabalhadores.

É por isso que insisto e reitero: vamos eleger Lula, de preferência no primeiro turno. Mas junto com ele temos que escolher um Parlamento que compartilhe a bandeira lulista: recuperar direitos perdidos e devolver o Brasil de novo para o Brasil. •



SÉRGIO MORO NA MIRA DO TCU

Empresa norte-americana Alvarez & Marsal terá de abrir ao tribunal quais serviços foram prestados pelo ex-ministro de Bolsonaro e quanto ele recebeu. O ex-juiz foi contratado em outubro de 2020 após ser defesnetrado do governo

O ex-todo-poderoso juiz federal Sérgio Moro, ministro da Justiça de Jair Bolsonaro até abril de 2020, está na mira do Tribunal de Contas da União (TCU). O ministro Bruno Dantas determinou que a consultoria americana de gestão de empresas Alvarez & Marsal, que contratou o ex-juiz a peso de ouro, revele quais serviços foram prestados pelo ex-juiz e os valores pagos ao pré-candidato a presidente da República pelo Podemos.

Moro foi contratado em outubro de 2020 pela Alvarez & Marsal após pedir demissão, em abril, do Ministério da Justiça, depois de ser espinafado por Jair Bolsonaro, a quem agora critica. Em outubro de 2021, Moro

deixou a empresa para se lançar pré-candidato à Presidência. A Alvarez & Marsal é o escritório que atuou como administrador judicial da Odebrecht, empreiteira investigada pela Lava Jato.

Na terça-feira, 11, Dantas rejeitou o pedido do procurador Júlio Marcelo de Oliveira em que reivindicava participação no processo sobre a relação do ex-juiz com a Alvarez & Marsal. Oliveira foi repreendido no despacho de Dantas, que considerou haver “tentativa de causar tumulto processual”. De perfil lava-jatista, o procurador sustentava que ele é quem deveria representar a instituição nos autos. Oliveira é um apoiador de Moro.

Dantas disse que as razões apontadas pelo procurador “são

insuficientes para satisfazer os requisitos legais” que justificassem sua atuação. “Ênfase que simpatia pessoal ou convergência ideológica não se confundem com interesse público”, afirmou.

A abertura de investigação atendeu a pedido feito pelo subprocurador-geral do Ministério Público junto ao TCU, Lucas Rocha Furtado. Ele quer a “apuração de prejuízos ocasionados aos cofres públicos pelas operações supostamente ilegais dos membros da Lava Jato de Curitiba e do ex-juiz Sergio Moro, mediante práticas ilegítimas de revolving door, afetando a empresa Odebrecht S.A., e lawfare, conduzido contra pessoas investigadas nas operações efetivadas no âmbito da chamada Operação Lava Jato”. •

O PREÇO DA AUSTERIDADE DE GUEDES

Orçamento para evitar desastres como os das chuvas na Bahia, Minas Gerais e Pará foi reduzido em 75% em 2021 pelo Planalto. Recursos do Ministério de Desenvolvimento Regional caíram de R\$ 714 milhões em 2020 para R\$ 171 milhões no ano passado

A política de austeridade fiscal suicida do ministro Paulo Guedes continua provocando desgraças. O governo federal reduziu em 75% o orçamento de 2021 para ações de prevenção a desastres naturais do Ministério de Desenvolvimento Regional. A pasta é a principal responsável por programas para conter eventos climáticos extremos. As verbas foram reduzidas de R\$ 714 milhões em 2020 para R\$ 171 milhões no ano passado.

O líder do PT no Senado, Paulo Rocha (PA), anunciou que a bancada é favorável ao projeto de lei que destina recursos ao programa emergencial de apoio a ações de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação voltadas à proteção e defesa civil. “As fortes chuvas no Pará, Minas Gerais e Bahia têm causado mortes, desabrigado famílias e destruído lares, levando cidades à situação de emergência”, disse.

Rocha propõe que o governo federal destine até R\$ 40 bilhões ao programa. “É fundamental que a União apoie os municípios e estados com ações de socorro às vítimas e reconstrução das áreas atingidas por desastres”, justificou. “O apoio federal tem sido insuficiente. Daí a importância de se instituir um programa permanente de apoio, inclusive com a definição da origem dos recursos”.

Em Minas Gerais, as chuvas causaram mais dez mortes nesta última semana. Já foram registrados 19 óbitos desde o início do



SEM RECURSOS O governo Bolsonaro cortou em mais de 70% o orçamento federal para programas de contenção de eventos climáticos

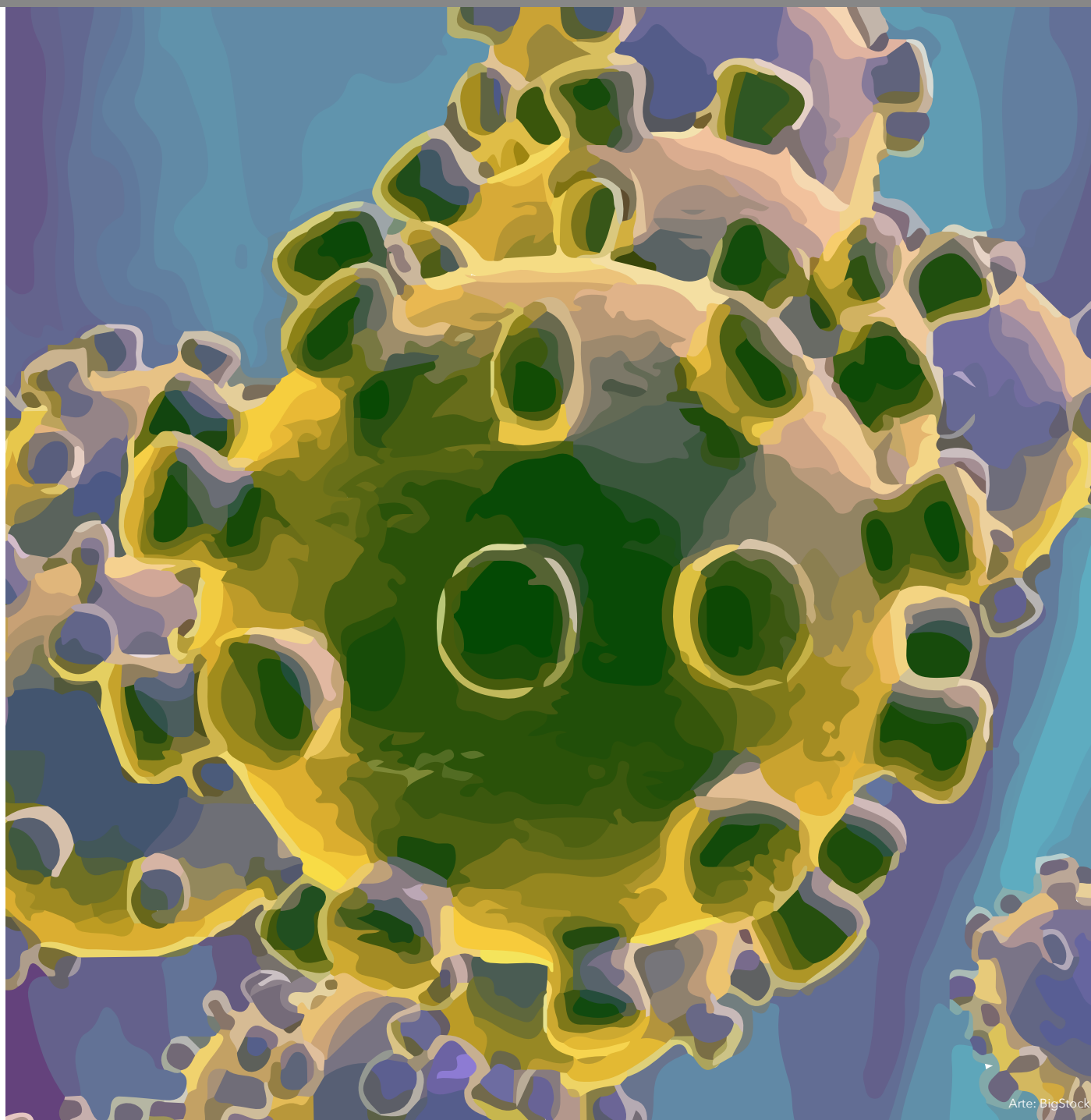
período chuvoso. O estado tem 3.481 desabrigados e 13.756 desalojados por conta das fortes chuvas. Ao todo, 145 cidades mineiras estão em situação de emergência.

O agravamento das enchentes no país preocupa. Na primeira semana de janeiro, a chuva torrencial causou 26 mortes, deixou 518 pessoas feridas e 93,6 mil desabrigados ou desalojados na Bahia, afetando ao todo 715 mil moradores. Ainda assim, o Palácio do Planalto não se preocupou em oferecer recursos ao governador Rui Costa (PT).

De acordo com os dados do governo, foram pagos em 2021 R\$ 129,1 milhões, sem incluir despesas de anos anteriores. Com os

chamados restos a pagar, o valor chegou a R\$ 370,1 milhões. Em 2020, os valores incluindo os restos a pagar alcançaram R\$ 1,1 bilhão. Em 2013, durante o governo Dilma, o valor pago em ações chegou a R\$ 3,4 bilhões.

A redução do orçamento também teve impacto no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, responsável pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden). O centro teve no ano passado um orçamento de cerca de R\$ 18 milhões, o menor desde sua criação em 2011, após as chuvas na Região Serrana do Rio que deixaram mais de 900 mortos e 350 desaparecidos. •



Arte: BigStock

NA PANDEMIA, O BRASIL NAVEGA SEM INSTRUMENTOS

Precisamos instalar uma CPI para apurar o apagão de dados do Ministério da Saúde, que deixou no escuro o controle da pandemia da Covid. É um escândalo que isso ocorra justamente quando o Brasil enfrenta a nova onda do vírus, com a variante Ômicron

Reginaldo Lopes

Um aplicativo desenvolvido e usado na China foi fundamental no controle e combate



ao coronavírus. Baseado nos dados de geolocalização das operadoras, ele analisa os movimentos do usuário nos 14 dias anteriores para identificar se ele esteve em uma área de risco, ou se esbarrou com algum infectado.

Desde a identificação dos primeiros casos do vírus em Wuhan, a China utiliza a ciência de dados e tecnologias da informação em saúde como principais instrumentos contra a propagação da doença. O resultado é reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como o exemplo mais bem-sucedido no mundo.

Apesar da defasagem tecnológica do Brasil em relação ao gigante asiático, o Sistema Único de Saúde (SUS) avança na ciência de dados desde a criação do Departamento de Informática do SUS, o Datasus, que nasceu junto com a Fundação Nacional de Saúde, em 1991. É ele que coordena o fundamental esforço nacional de combate à pandemia pelo monitoramento, integrando o sistema de notificação de casos de Covid (e-SUS Notifica), o Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunização (SI-PNI) e o Conecte-SUS, que tem entre funções a emissão do Certificado Nacional de Vacinação.

E foi justamente estes instrumentos que sofreram um

ataque hacker em 10 de dezembro de 2021, que derrubou sites, aplicativos e sistemas de informação do Ministério da Saúde. E o país passou a ser submetido às inconsistências de

dados sobre internações, vacinação e todos indicadores que constavam nos sistemas, criando dificuldades para secretarias de saúde registrarem seus dados.

O apagão de dados causou no governo federal uma inépcia do sistema de saúde e deixou o enfrentamento da mais letal pandemia no escuro. Justamente durante a propagação da nova onda do vírus, com a variante Ômicron e sua alta capacidade de contaminação. Carentes de análises científicas, trocamos a computação de dados

por evidências do aumento de casos de síndrome respiratória, “comprovadas” pelas cenas de unidades básicas de saúde lotadas e do número de amigos, conhecidos e parentes infectados.

A ausência de dados oficiais sobre a propagação do vírus tem que ser investigada e o melhor instrumento é uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que teve sua criação proposta pela bancada de deputados federais do Partido dos Trabalhadores e ficou conhecida como CPI do Apagão de Dados.

É imprescindível identificar os responsáveis pelo crime e qual o papel do governo federal no que vem ocorrendo. Sabendo que Bolsonaro sempre atacou os instrumentos de transparência nas informações públicas, e diante da ausência de números oficiais da pandemia, é no mínimo providencial aos seus interesses.

Com os órgãos de controle e apuração da União em estado de subserviência, cúmplices dos crimes de responsabilidade praticados em série pelo presidente da República, só a autonomia e independência do Congresso, através de uma CPI, pode trazer respostas para o Brasil e o mundo. Foi graças a este instrumento legislativo que descobrimos o que estava por trás da negação e atraso na vacinação e na aposta do governo federal pela imunidade de rebanho e o uso de remédios ineficazes, crimes que foram competentemente elucidados pela CPI realizada no Senado. •

Economista, é deputado federal por Minas Gerais e líder da bancada do PT na Câmara dos Deputados.

**SÓ A AUTONOMIA
E INDEPENDÊNCIA
DO CONGRESSO,
ATRAVÉS DE UMA
CPI, PODE TRAZER
RESPOSTAS AO
BRASIL SOBRE
O ESTADO DA
PANDEMIA NO PAÍS**



ECONOMIA E PANDEMIA PREOCUPAM ELEITORES

Lula continua o franco favorito nas eleições presidenciais, distanciando-se de Bolsonaro e de Sérgio Moro. Líder da extrema-direita tem rejeição recorde e reprovação ao governo continua alta

Matheus Tancredo Toledo

As pesquisas divulgadas pelos institutos neste início de ano confirmam o alto índice de rejeição ao governo Bolsonaro, a liderança folgada do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a economia e a pandemia como as principais fontes de preocupação dos brasileiros.

Os dois levantamentos divulga-

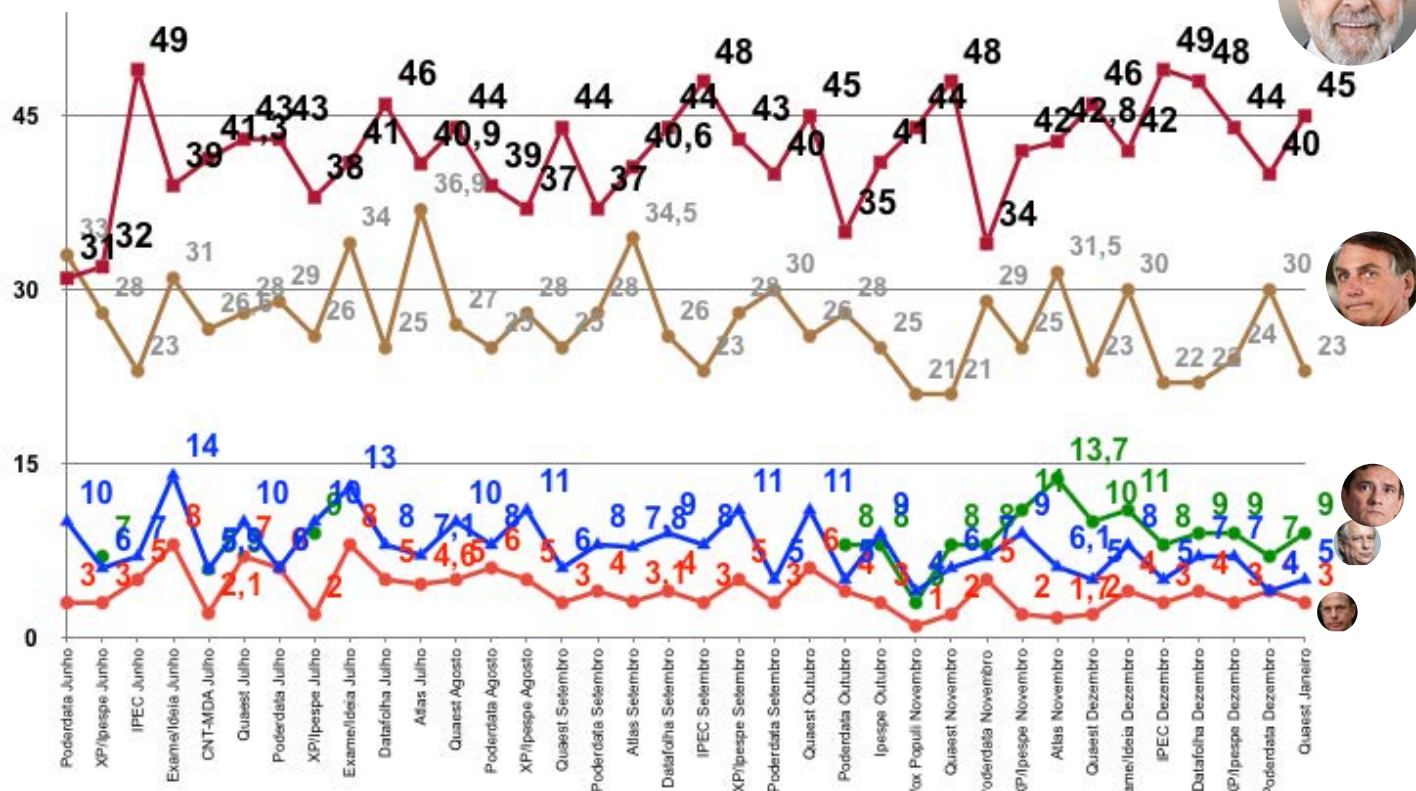
dos em janeiro são dos institutos PoderData e Quaest, que utilizam metodologias distintas de coleta de dados – a primeira, por telefone com operador automático e, a segunda, por meio de entrevistas presenciais. Em comparação com os levantamentos do final de 2021, não há grandes alterações.

O cenário é de estabilização da reprovação de Bolsonaro em altos patamares nos últimos meses, entre 50% e 60% da população, a depender do instituto. No caso

da aprovação, a mesma tendência de consolidação de patamar: os números variam entre 20% e 25%, cerca de um quinto e um quarto da população.

De acordo com o PoderData, são 24% os que aprovam o governo, enquanto a Quaest registra 22%. Entre novembro e dezembro, três institutos apontaram que a aprovação ao governo Bolsonaro tinha diminuído pela primeira vez para menos de 20% da população: Quaest, Vox Populi e IPEC.

Eleições presidenciais. Evolução primeiro turno



Elaboração: Noppe/Fundação Perseu Abramo

Os levantamentos recentes trazem também a percepção dos brasileiros sobre a conjuntura do país. A Quaest aponta que embora temas econômicos e sociais – desemprego, inflação, crescimento econômico e fome/miséria – ainda figurem como o principal problema detectado pelos brasileiros, houve aumento da menção à pandemia/saúde como grande entrave para o país, provavelmente em razão do avanço da variante Ômicron. Desde novembro, houve um aumento de 11 pontos percentuais nesse índice, que subiu de 17% para 28%. É o maior índice desde setembro do ano passado.

Isso também se reflete em outro resultado, em pergunta que mede diretamente a preocupação com a pandemia. Se em novembro 55% dos brasileiros se diziam muito preocupados com a pandemia, o levantamento recente aponta 69% com tal percepção – um aumento de 14 pontos percentuais.

A maior parte dos brasileiros (72%) defende a vacinação infantil, segundo o levantamento. O dado é confirmado pelo PoderData,

que também perguntou aos brasileiros sobre a vacinação de crianças: 71% se disseram favoráveis, 16% contrários e outros 13% não souberam responder. Há grande preocupação com a Ômicron para 42% dos brasileiros, sendo que outros 40% disseram estar mais ou menos preocupados e 47% não acreditam no fim da pandemia este ano.

Os cenários de intenção de voto também seguem em relativa estabilidade. O ano se inicia com favoritismo de Lula nas eleições presidenciais, em patamares de voto que vão de 40% a 49% nas pesquisas realizadas em dezembro e janeiro. Bolsonaro segue com patamar entre 22% a 30%.

Após entrar na corrida eleitoral com dois dígitos nos levantamentos, Sergio Moro (Podemos) parece ter se estabilizado entre 7 e 11 pontos. A entrada do ex-juiz parece ter sufocado as candidaturas de Cid Gomes (PDT) e João Dória (PSDB). Se o ex-governador do Ceará chegou a pontuar até 11%, neste momento está limitado a um patamar de 5% a 8% das intenções

de voto, enquanto o governador de São Paulo permanece com 3% a 4% da preferência dos brasileiros para as eleições.

As pesquisas seguem divergindo pontualmente em relação aos patamares de Lula e Bolsonaro: o petista tem possibilidade real de vitória em primeiro turno nos levantamentos realizados presencialmente, enquanto Bolsonaro desempenha melhor naqueles que fizeram entrevistas por telefone ou via painel online. Sobre as diferentes metodologias, o Noppe publicou [nota técnica](#) em 2021.

Nos dados de segundo turno todas convergem para a vantagem de Lula sobre os adversários. De acordo com a pesquisa Quaest, única divulgada em janeiro até o fechamento deste artigo a trazer dados eleitorais, Lula teria 24 pontos de vantagem contra Bolsonaro (54% x 30%), 20 pontos contra Moro (50% x 30%), 31 pontos contra Cid (52% x 21%) e 40 pontos contra João Dória (40%). •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Noppe, da Fundação Perseu Abramo.



O DESASTRE DOS 1.100 DIAS DE BOLSONARO NO PODER

Governo joga o país na UTI, ao conduzir uma política econômica que deixou a inflação superando a marca 10% e o país com 14 milhões de desempregados. E vai piorar: a gasolina e o diesel subiram de novo em janeiro. É a agenda ultraliberal de Guedes

Ao completar três anos de governo, Jair Bolsonaro tem muito a mostrar com a adoção da agenda ultraliberal de Paulo Guedes, que já vinha sendo adotada desde que o Golpe de 2016 retirou Dilma Rousseff da Presidência da República e colocou Michel Temer no poder. O IBGE divulgou no início de janeiro o Índice Nacional de Preços ao Consumidor

Amplo (IPCA) subindo 10,06%, mais que o dobro dos 4,52% registrados em 2020.

E o fantasma da inflação permanecerá assombrando os brasileiros ao longo de 2022. Quem alimenta a alta dos preços é o próprio governo, ao praticar uma equivocada política de dolarização do petróleo, conduzida de maneira criminosa pela Petrobrás. Em 2021, a gasolina ficou 47,49% mais cara. O diesel, 46,04%. O preço do gás

de cozinha subiu 36,99% no último ano. O preço do etanol está 62,23% mais caro do que no início de 2021. E a conta de luz ficou 21,21% mais cara. “Em média, os combustíveis para veículos ficaram 49,02% mais caros”, aponta o economista Aloizio Mercadante, presidente da Fundação Perseu Abramo.

E a situação vai piorar. Na quarta-feira, 12, a Petrobrás anunciou um novo ajuste, de aumento médio de 8% do pre-

ço do diesel nas refinarias e de 4,85% da gasolina nas distribuidoras, após a divulgação de inflação recorde no país. A decisão da estatal beneficia e gera mais lucros para os acionistas privados, sabotando a possibilidade de retomada do crescimento econômico e prejudicando os mais pobres ao gerar um efeito cascata sobre os preços da economia. Curioso é que o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, atribui a alta da inflação no ano passado a fatores externos.

Em dezembro, todos os grupos de produtos e serviços pesquisados apresentaram alta. E todas as regiões brasileiras também. O resultado de 2021 foi influenciado principalmente pelo grupo transportes, que apresentou a maior variação (21,03%) e o maior impacto (4,19 pontos percentuais) no acumulado do ano. Essa alta está relacionada principalmente ao comportamento do preço dos combustíveis (49,02%) ao longo de 2021. A empresa dirigida pelo general Joaquim Silva e Luna anunciou no sábado, 8, que não pode “fazer política pública”.

A política econômica de Paulo Guedes mostra outro resultado impactante. O Brasil tem a segunda tarifa de energia mais cara do mundo. E, em 2022, estaremos no pódio com o kW mais caro de todo o planeta. O motivo é a sanção, por Bolsonaro, da lei que obriga o uso de usinas termelétricas movidas a carvão mineral até 2040 em Santa Catarina.

Conforme o IBGE, ano passado, as mudanças no valor da cobrança extra sobre as contas de luz foram decisivas para o resultado do item no IPCA, especialmente em julho e setembro. No primeiro mês, foi reajustada a bandeira vermelha patamar 2, e em setembro foi criada a

bandeira escassez hídrica, que deve ser mantida até abril de 2022.

Supervisora de pesquisas do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Patrícia Costa denuncia que Bolsonaro quer reduzir inflação “apostando na fome do brasileiro” – diferente do que fizeram os governos do PT. “Vai ficando cada vez mais difícil para o consumidor ter acesso a alimentos básicos. O real perde valor em relação ao dólar, o que estimula a exportação”, explica.

“Os produtores vão olhando para o mercado externo que tem demanda e olham para dentro e veem um mercado interno deprimido, sem renda, em que o trabalho é cada vez mais espremido, com menores rendimentos e sem geração de empregos. E a opção deles é mandar os alimentos para fora.”

Políticas públicas como a dos estoques reguladores da Conab, que poderiam frear esse movimento, afirma a economista, foram esvaziadas. “O governo nunca deu muita bola para isso porque não houve nenhum tipo de intervenção que fosse capaz de minimizar toda essa inflação. Ele está deixando a inflação subir porque acha que em 2022 ela vai cair”, prossegue.

“A gente não pode deixar que a inflação caia porque as pessoas estão comendo menos, ou comprando menos. Baixar a inflação por conta da fome do brasileiro é extremamente complicado, uma opção difícil e eu diria até perversa”, lamenta. “Este é um país que não cresce, não gera empregos e nem renda suficiente para que sua população, principalmente a mais pobre, possa comer. Esse é o país em que a gente vive hoje”.

• Da Redação, com **Agência PT**

PRODUÇÃO INDUSTRIAL É NEGATIVA

Dados da Pesquisa Industrial Mensal Regional, divulgada na sexta-feira, 14, pelo IBGE, reforçam a percepção de afundamento da produção industrial brasileira. Pelo sexto mês consecutivo houve variação negativa – desta vez, de 0,2% entre outubro e novembro de 2021. Oito das 15 regiões pesquisadas apresentaram recuo.

As perdas mais acentuadas foram no Amazonas (-3,5%), Ceará (-2,5%) e Rio de Janeiro (-2,2%). O Rio de Janeiro teve a maior influência no resultado nacional. “Esse recuo é atribuído ao impacto negativo dos setores de derivados do petróleo, de metalurgia e da indústria farmacêutica”, explicou Bernardo Almeida, gerente da pesquisa.

“O Amazonas é a segunda maior influência negativa, em função, principalmente, da queda do setor de bebidas. A Bahia teve o terceiro maior peso graças ao baixo desempenho do setor de celulose e de outros produtos químicos”, prosseguiu.

A média móvel trimestral para a indústria ficou negativa em dez dos quinze locais. O índice recuou 0,5% no trimestre encerrado em novembro frente ao nível do mês anterior, mantendo a trajetória descendente iniciada em janeiro de 2021. Na comparação com novembro de 2020, a indústria nacional teve redução de 4,4% em novembro de 2021, com taxas negativas também em dez dos 15 locais pesquisados. • **Agência PT**



Divulgação

MICRODÍVIDAS: O DESCASO E A CRUELDADE DE BOLSONARO

Planalto é uma mãe para as grandes empresas. Aos pequenos, micros e MEIs, nada de ajuda na hora da crise. Planalto atenta contra o país ao vetar projeto de renegociação de dívidas

Paulo Feldmann *

A informalidade atinge hoje 48% da força de trabalho do país e a taxa de desemprego é de 12,5%. Ou

seja, o Brasil precisa urgentemente de empregos e neste momento praticamente apenas as micro e pequenas empresas é que os estão conseguindo criar.

Segundo o Sebrae, no mês de outubro de 2021, por exemplo, cerca de 79,7% dos empregos criados no Brasil foram efetivados pelas pequenas empresas. Apesar disso, Bolsonaro vetou recentemente um projeto nascido no Congresso que seria vital para apoiar o segmento.

Dentro da lógica de apenas contemplar poderosos, amigos e familiares, o presidente faz questão de não apoiar um plano originário do Congresso que busca atenuar as agruras das pequenas e microempresas. Como se sabe, graças à pandemia, mais de 1 milhão de MPEs tiveram que fechar as portas. E as que sobreviveram passam por dificuldades que compromete irremediavelmente o próprio futuro.

Mesmo assim, Bolsonaro vetou integralmente o projeto que previa a criação de um programa de renegociação de dívidas para as pequenas, as microempresas e os MEIs – microempreendedores individuais. Ao todo 8 milhões de empresas e 8 milhões de MEIs seriam beneficiados e poderiam renegociar suas dívidas já que o projeto destinava R\$ 50 bilhões a esta finalidade.

Interessante que, no Congresso, o projeto foi aprovado de forma quase unânime diante da necessidade imperiosa da crise. E até mesmo parlamentares que não são de oposição, como Marco Bertaiolli (PSD-SP) considera-



ram o veto uma “ducha gelada justamente para os empresários que hoje mais empregam no Brasil”.

A alegação do governo para vetar o projeto é a de que em ano eleitoral é proibida a concessão de benefí-

cios tributários. Só que isto teria sido resolvido se o presidente tivesse sancionado a lei até o dia 31 de dezembro de 2021 ou incluído a destinação do valor no orçamento de 2022. Nada disso foi feito, o que mostra o descaso do governo e como vem tratando as MPEs.

A possibilidade de renegociar as dívidas era muito esperada pelas pequenas empresas. Isto por que a outra medida da dupla Jair Bolsonaro e Paulo Guedes foi o Pronampe, um programa que teoricamente se destinava a conceder crédito junto aos bancos, mas que na prática acabou sendo um ótimo negócio apenas para os bancos.

Isto por que os juros ficaram altíssimos, os prazos limitados e sem risco para os bancos, pois o

**O GOVERNO
BOLSONARO
IGNORA OU NÃO
SABE QUE DAS
8 MILHÕES DE
EMPRESAS
BRASILEIRAS 99%
SÃO PEQUENAS
E MICROS**

governo banca eventuais inadimplências. Mesmo assim, de cada 10 MPEs que pleitearam este empréstimo, apenas uma conseguiu.

O fato é que, após o golpe contra Dilma Rousseff em 2016, nada mais foi feito a favor das pequenas e microempresas. Medidas que sempre as ajudaram sobreviver nos momentos difíceis, como o cartão BNDES, criado pelo presidente Lula, foram colocadas na geladeira. O site do BNDES ainda hoje menciona o cartão pois o governo não tem coragem de assumir que o descontinuou, mas na prática não está mais sendo oferecido.

Provavelmente, o governo não sabe que das 8 milhões de empresas brasileiras 99% são pequenas e micros. Só que, enquanto na maioria dos países europeus elas representam mais de 60% dos respectivos PIBs, aqui não atingem nem a metade deste percentual.

Ou seja, lá são protagonistas do desenvolvimento econômico por que contam com medidas de apoio e políticas públicas para protegê-las. No Brasil, o apoio que existe é apenas para as grandes empresas e os grupos dos amigos da família Bolsonaro. Para estas, todas medidas necessárias são aprovadas no momento adequado. Nada consta que algo tenha sido postergado ou negado.

O Brasil, hoje às voltas com desemprego e informalidade recorde, desperdiça uma das formas mais importantes de se impulsionar o desenvolvimento econômico, apoiando as pequenas e microempresas para que possam ser protagonistas. Deixar de ajudar o segmento, como o governo Bolsonaro tem feito, não é apenas cruel, mas demonstra o desconhecimento enorme a respeito de como funciona a economia.●

Economista, é coordenador do NAPP das MPEs da Fundação Perseu Abramo e professor de economia da USP.



COMO O PT SALVOU O BRASIL: INVESTIMENTO FOI UM DOS MOTORES DO CRESCIMENTO

Nos governos Lula e Dilma a taxa de investimento saltou de 17%, média dos dois governos tucanos, para mais de 20%. Depois do golpe, com Temer e Bolsonaro, a taxa despencou, registrando os menores valores nos últimos 15 anos

Eduardo Fagnani **

Gerson Gomes **

Guilherme Mello ***

Ao contrário do que insistem analistas e economistas liberais, o Brasil não está quebrado e nem o PT ajudou a afundar a sua economia. Pelo contrário. O investimento foi um dos principais motores do crescimento econômico durante os governos do PT. A taxa de investimento saltou de um patamar em torno de 17,5% do PIB nos governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) para 19,3% do PIB no segundo governo de Luiz Inácio Lula da Silva e 20,5% do PIB no primeiro governo Dilma Rousseff.



que desconstroem as mentiras circulantes segundo as quais a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”.

Nas análises anteriores, demonstramos a falsidade dessa narrativa apresentando fatos e números do comportamento de diversos indicadores econômicos que, absolutamente, não ‘revelam’ que a economia, ao cabo dos governos petistas, estivesse vivendo “crise terminal”.

No último artigo mostramos que o Brasil voltou a crescer e a redistribuir os frutos deste crescimento. Entre 2002 e 2015, o Produto Interno Bruto (PIB) passou de R\$ 5,3 trilhões para R\$ 7,7 trilhões. E o PIB per capita, de R\$ 29,6 mil para R\$ 37,7 mil.

O crescimento teve impactos positivos na expansão do consumo das famílias e nas vendas no

varejo. Em 2002, o Brasil ocupava a 13ª posição no ranking global de economias medido pelo PIB em dólar (dados do Banco Mundial e FMI); em 2011, chegou a ser a 6ª maior economia do mundo; e em 2008, o país ganhou o selo de “grau de investimento” das agências de classificação de risco.

O gráfico 1 mostra a taxa de investimentos no Brasil, em relação ao PIB, no período que vai de 1995 a 2018. O gráfico 2 evidencia que a taxa de investimento em 2015 reduziu-se para 17,8% do PIB, por conta da inflexão nos rumos da economia, do agravamento da crise política e dos efeitos disruptivos da operação Lava Jato, que destruiu setores produtivos e empregos, em sua estratégia para desmontar empresas nacionais.

A partir da reeleição da presidenta Dilma, a oposição passou a apostar no golpe, na instabilidade institucional e na imposição de limites legislativos para a condução da política econômica. Nos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro, a taxa de investimentos despencou, registrando os menores valores relativos da série analisada.

Taxa de investimento em % do PIB

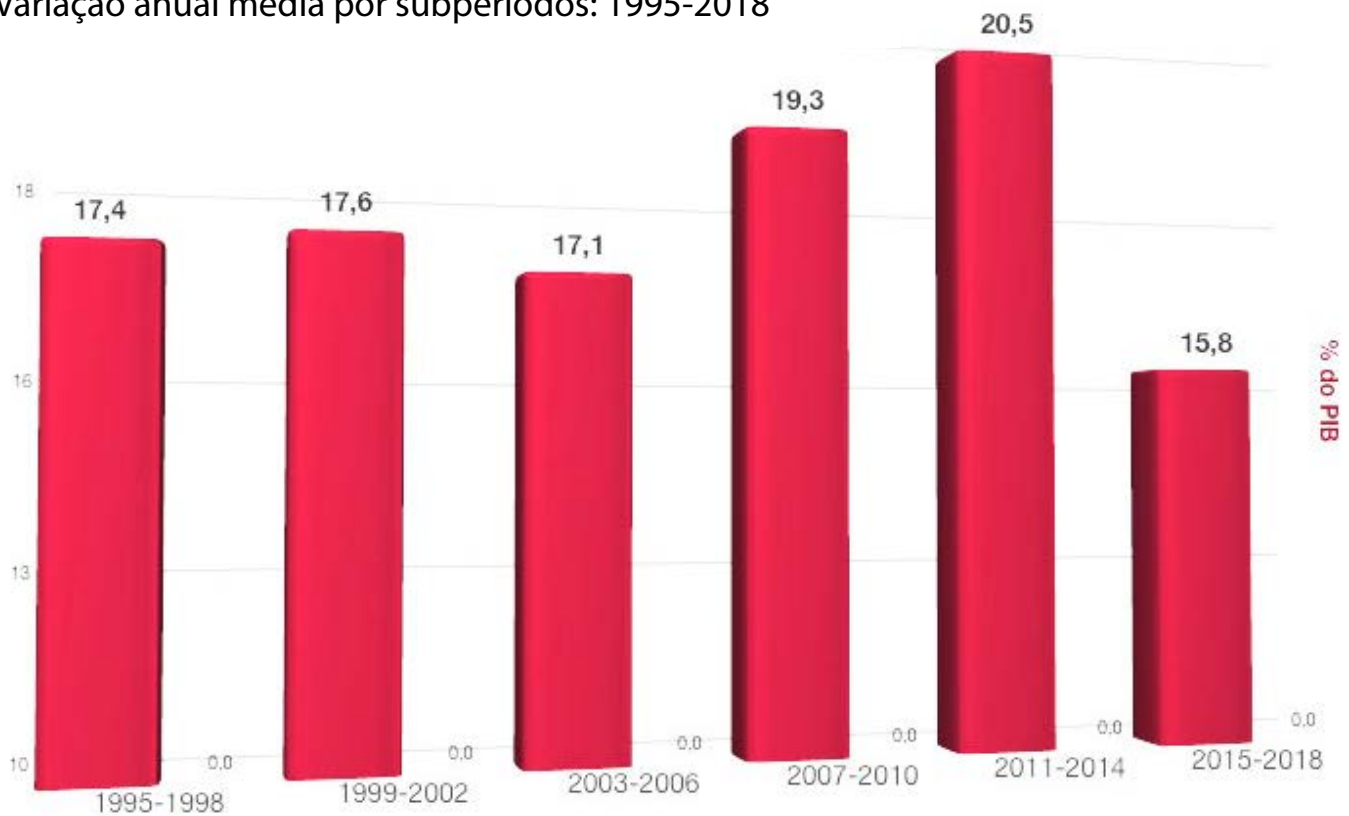
Período de 1995 a 2018



Fonte: IBGE, Contas nacionais trimestrais. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. *Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira*. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

Taxa de investimento em % do PIB

Variação anual média por subperíodos: 1995-2018



Fonte: IBGE, Contas nacionais trimestrais. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. *Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira*. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

A esses fatos e ao diagnóstico conservador que se tornou dominante na mídia é preciso contrapor que, durante os governos do PT, foi esboçada uma política de desenvolvimento apoiada na criação de um mercado de consumo de massas formado a partir de políticas de distribuição de renda, aumento salarial, expansão do emprego e ampliação do acesso ao crédito, cuja maior virtude foi conseguir melhorar de modo expressivo as condições de vida dos mais pobres.

Ao contrário do que pretende o discurso liberal, esse crescimento não foi artificial, mesmo tendo no consumo seu elemento mais dinâmico. Tampouco decorreu de medidas populistas, nem foi puxado exclusivamente pelo consumo. Ainda que distante do nível que seria o ideal, o investimento cresceu em geral mais do que o consumo e do que o PIB, graças às políticas adotadas pelos governos do PT.

Essas políticas dos governos

Lula e Dilma retomaram e racionalizaram o esforço do Estado em apoio ao desenvolvimento, com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), a recuperação do investimento público e graças à decisão de expandir o financiamento de longo prazo também para o investimento privado, via BNDES.

Os próximos artigos analisarão as trajetórias de crescimento do investimento público e dos desembolsos do BNDES, que mostram, de forma complementar, a dimensão do esforço que os governos Lula e Dilma empreenderam nessa esfera. A média anual do investimento público passa de 1,57% do PIB (1995-2002) para 1,9% do PIB (2003-2014), um aumento de 21%. O apoio dos governos Lula e Dilma ao investimento privado de longo prazo fica evidente nos dados sobre a trajetória de desembolsos do BNDES, que saltam de R\$ 38,1 bilhões (2002) para R\$ 187,8 bilhões (2014), um aumento de 493%.

Portanto, também no caso desses indicadores, não se sustenta a versão fantasiosa de que a crise que teria sido gerada pelos governos do PT teria sido “fundamentalmente crise de irresponsabilidade fiscal”, como o arbítrio mais delirante nunca se cansa de repetir. Mais uma vez, os dados demonstram que os movimentos narrativos que ocuparam os discursos midiáticos jamais tiveram em vista os interesses do Brasil e dos brasileiros; e que a tal “crise” inventada só serviu aos interesses econômicos e políticos dos protagonistas do impeachment farsesco a farsa que foi o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. •

* Doutor em Economia pela Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (CESIT-UNICAMP)

** Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados

*** Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (CECON-UNICAMP)

UM REVÉS PARA OS NEOLIBERAIS

Na Argentina, Alberto Fernández passa a reverter as privatizações adotadas por seu antecessor, retomando o papel do Estado como indutor da economia e fortalecendo as empresas públicas do país

Emir Sader

A esquerda argentina, peronista no seu eixo fundamental, tem um arraigo profundamente nacionalista. O kirchnerismo –, de Nestor e Cristina e, agora, de Alberto Fernández –, reivindica esse perfil característico do peronismo.

Os governos de Nestor e de Cristina reverterem as tendências privatizadoras que tinham predominado na Argentina, fortalecendo o Estado e as empresas públicas do país.

Alberto Fernández foi escolhido por Cristina para retomar o governo e o ciclo de governos anti-neoliberais. Sua política econômica voltou a se centrar nas questões sociais, na retomada do crescimento econômico e no resgate do papel ativo do Estado.

O governo de Fernández foi surpreendido, assim que assumiu, pela pandemia, com todas suas consequências econômicas e sociais. As eleições de um terço do Senado e metade da Câmara de Deputados refletiu o empobrecimento da população, assim como erros na política de retorno dos estudantes às escolas – muito explorada pela direita –, levando a uma vitória da direita, insuficiente para deixar o governo em minoria no Congresso, mas que resultou na perda da maioria absoluta.

No entanto, o governo Fernández não interrompeu o programa com o qual foi eleito. Ele revogou,



por meio de decreto, as privatizações de empresas de energia e centrais elétricas, postas em prática por Mauricio Macri, seu antecessor, no seu projeto de retomada do neoliberalismo.

O decreto anulou vários artigos das medidas de Macri, revertendo a privatização de empresas como a Dioxitec, a Transener e as centrais termoelétricas Manuel Belgrano e San Martín.

Essas medidas se dão no mesmo momento em que o governo desenvolve difíceis negociações com o FMI para redefinir os pagamentos do acordo assinado por Macri. Uma dívida externa que os Kirchner tinham renegociado e foi reestabelecida por Macri.

O GOVERNO
BOLSONARO
IGNORA OU NÃO
SABE QUE DAS
8 MILHÕES DE
EMPRESAS
BRASILEIRAS 99%
SÃO PEQUENAS
E MICROS

Entre as decisões do governo na mesma direção há a recuperação da gestão da compra de gás da Bolívia, assim como as licenças exploratórias da bacia das Malvinas, no oeste do mar argentino.

Esse conjunto de medidas – e outras que devem acompanhá-las – faz parte da reversão do programa neoliberal de Mauricio Macri. É o resgate do papel ativo do Estado, tanto com seu fortalecimento econômico, como com a retomada das políticas sociais dos governos de Nestor e Cristina.

Depois da derrota eleitoral, o governo colocou em prática um plano emergencial de atendimento das necessidades imediatas da massa da população, cuja ausência foi um dos fatores do revés eleitoral.

Dessa forma, Alberto Fernández coloca em prática o que chamou de segunda parte do seu governo, buscando reverter a situação política e se preparando para o grande enfrentamento eleitoral com a direita em 2023, quando deve se candidatar à reeleição.

Para isso, o presidente da Argentina conta também com a divisão e as duras pugnas na oposição, entre um setor mais extremista e um de direita menos radical, que propõem candidatos distintos.

As eleições no Brasil são um fator que conta no futuro argentino, não somente pela provável vitória do Lula, mas também pela retomada do crescimento econômico brasileiro, que teria efeitos positivos sobre a economia argentina. •

* Jornalista



15 de janeiro de 1929 NASCE EM ATLANTA O ATIVISTA MARTIN LUTHER KING JR.

Autor do histórico discurso “I have a dream” (“Eu tenho um sonho”), Martin Luther King Junior se tornaria um dos principais líderes do movimento contra a segregação racial nos Estados Unidos dos anos 1960.

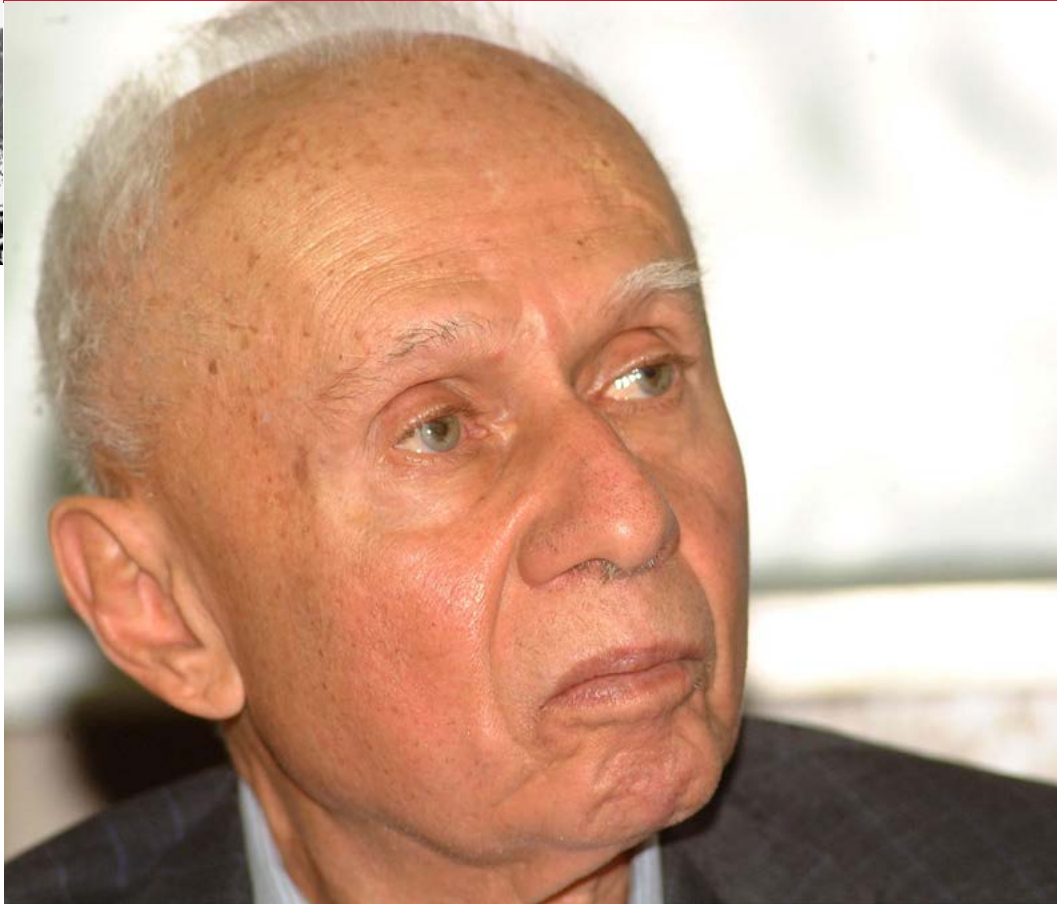
Frequentador da Igreja Batista desde cedo, ele se tornaria pastor e logo se notabilizaria pela luta em defesa dos direitos civis dos negros, que sofriam com as leis segregacionistas até vigentes nos EUA. Apesar do sistema racista e violento que subjugava a população negra, King não aprovava a reação nos mesmos moldes, defendendo estratégias de desobediência civil e não violência, com o intuito de atrair a opinião pública.

Sua vida de ativismo por direitos, igualdade e cidadania rendeu a Martin Luther King Jr. muitos desafetos. Ele seria assassinado com um tiro em 4 de abril de 1968.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.

Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

Visite o memorialdademocracia.com.br



20 de janeiro de 1923 NASCE O LÍDER COMUNISTA JACOB GORENDER

Em 20 de janeiro de 1923, nasce em Salvador Jacob Gorender, referência do pensamento marxista no Brasil. O intelectual foi membro do Partido Comunista Brasileiro, no qual entrou em 1942, e fundador do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, já no final da década de 1960.

Capturado em 1970 em meio à ditadura militar, foi levado ao Dops de São Paulo, onde ficou preso por quase dois anos. Lá conheceu Dilma Rousseff, também militante pela democracia. Sobre o episódio, a ex-presidenta relata: “Jacob Gorender não teve medo das polêmicas intelectuais, assim como não teve medo de defender suas ideias, mesmo pagando o pior

dos preços. Nós nos conhecemos presos no Dops. Ele estava convalescente de torturas e foi conselheiro importante em um momento crucial na minha vida”.

Autodidata, em 1994 recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal da Bahia. Em 1996 foi reconhecido especialista de notório saber pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

É autor, dentre outros, de “Combate nas trevas” e “O Escravismo Colonial”, relançado em 2011 pela Fundação Perseu Abramo. Morreria em 11 de junho de 2013, aos 90 anos de idade.

14 de janeiro de 2005

LULA REGULAMENTA O BOLSA ATLETA

Divisor de águas do esporte brasileiro, o programa Bolsa Atleta foi criado em 2004 e regulamentado em 14 de janeiro de 2005 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O programa beneficia atletas de alto rendimento com bons resultados em competições nacionais e internacionais. Rapidamente, o Bolsa Atleta se destacou como o maior programa de patrocínio individual do mundo.

“Precisamos fazer com que o povo brasileiro entenda que é papel do Estado dar condições para que todas as pessoas, independentemente da sua origem social, cor, credo religioso ou opção partidária, sejam colocadas no mesmo banco de oportunidades”, disse Lula.

Os valores pagos mensalmente aos beneficiários do Bolsa Atleta têm por objetivo garantir condições mínimas para que possam se dedicar com exclusividade aos treinos e às competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paraolímpicas.



20 de janeiro de 2010

LANÇADA A TARIFA SOCIAL DE ENERGIA ELÉTRICA

Em 20 de janeiro de 2010, o presidente Lula anuncia o pagamento de tarifa de energia subsidiada pelo governo federal a cerca de 22,5 milhões de famílias com renda de até três salários mínimos. A medida foi tomada de acordo com a Lei de Tarifa Social de Ener-

gia Elétrica, sancionada por Lula.

A principal mudança vinda com a nova legislação dizia respeito ao critério para isenção ou subsídio do pagamento pela energia elétrica: a base de análise, que antes era o consumo, passou a ser a renda do usuário.

Nas Olimpíadas de Tóquio, realizadas no Japão em 2021, o sucesso do programa se materializou nos números: dos 302 atletas que compuseram a delegação do Brasil nos Jogos, 242 eram bolsistas integrantes do programa Bolsa Atleta – o que representa 80% do total.

Nas últimas olimpíadas, em 18 das 33 modalidades de que o Brasil participou, 100% dos atletas recebiam a bolsa. O acesso direto do esportista ao benefício – sem intermediação de clubes ou associações – permitiu maior flexibilidade de uso.

20 de janeiro de 2009

OBAMA ASSUME A PRESIDÊNCIA DOS EUA

O democrata Barack Hussein Obama toma posse em Washington, DC, como primeiro presidente negro da história dos Estados

Unidos da América. O evento tem o maior público de todas as poses presidenciais daquele país: cerca de 1,8 milhão de pessoas acompanham a cerimônia, que bate recordes de audiência pela internet, com 21 milhões de streamings de vídeo só na CNN.

Filho de uma norte-americana branca e de um economista ne-

gro queniano, Obama nasceu em Honolulu (Havaí). Professor de Direito na Universidade de Chicago, iniciou sua carreira política como advogado de direitos civis. De 1994 a 2004, foi eleito para três mandatos no Senado estadual de Illinois. Em 2004, elegeu-se senador e já começou a despontar no cenário político nacional.



MORRE O POETA THIAGO DE MELLO

Um dos gigantes da literatura morreu aos 95 anos, deixando um legado de dezenas de obras traduzidas em mais de 30 idiomas. É dele a poesia “Faz escuro mas eu canto”, poema contra a ditadura

Na sexta-feira, 14 de janeiro, o Brasil e a luta incessante pela preservação da floresta amazônica perderam o poeta e tradutor Thiago de Mello. Morto aos 95 anos em casa, Thiago foi autor de dezenas de obras memoráveis e um defensor intransigente das causas amazônicas e da democracia brasileira. Ele faleceu em Manaus.

Thiago de Mello nasceu em Barreirinha, no interior do Amazonas, e é um dos poetas mais conhecidos da região, influente no Brasil e no mundo. Suas obras foram traduzidas para mais de 30 idiomas. Um dos seus poemas mais conhecidos é 'Os Estatutos do Homem', em que chama atenção para os valores simples

da natureza humana.

Por sua luta em favor da democracia, foi perseguido e preso pela ditadura militar instaurada em 1964, sendo posteriormente obrigado a se exilar. Ao viver no Chile, travou um intenso contato com o poeta Pablo Neruda. Além da proximidade de ideais, desenvolveram uma sólida colaboração artística.

Seu poema 'Madrugada Camponesa' foi um forte brado contra a ditadura brasileira e a tentativa de apagamento pelo regime da verdadeira arte e cultura de raízes nacionais. Os versos são líricos e de forte conotação política:

*Faz escuro mas eu canto,
Porque a manhã vai chegar.
Vem ver comigo companheiro,
A cor do mundo mudar.
Vale a pena não dormir para*

esperar

*A cor do mundo mudar.
Já é madrugada,
Vem o sol, quero alegria,
Que é para o que eu sofria.
Quem sofre fica acordado
Defendendo o coração.
Vamos juntos, multidão,
Trabalhar pela alegria,
Amanhã é um novo dia.*

Tal poema foi o que levou a 34º Bienal de São Paulo a homenagear Thiago de Mello no ano passado. O verso que inspirou a bienal, 'Faz escuro mas eu canto' é parte do poema 'Madrugada Camponesa'. O poema, de 1965, também ganhou uma versão musical por meio de uma parceria entre Thiago e o músico Monsueto Menezes, no mesmo ano em que foi lançado. •

Venício A. de Lima

PAULO FREIRE

A prática da
liberdade,
para além da
alfabetização

O livro está disponível no site
da Fundação Perseu Abramo
fpabramo.org.br

autêntica



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



BRASIL: CINCO ANOS DE GOLPE E DESTRUIÇÃO

SANDRA BRANDÃO | (ORG.)

APRESENTAÇÃO | DILMA ROUSSEFF

PREFÁCIO | ALOIZIO MERCADANTE

O livro está disponível no site
da Fundação Perseu Abramo
fpabramo.org.br

